

Dumont: terra que financiou o "14 Bis"

Divulgação: Prefeitura Municipal

Muitas pessoas acreditam que a cidade de Dumont, distante cerca de 20 quilômetros de Ribeirão Preto, tenha este nome devido ao seu ilustre morador, o pai da aviação, Alberto Santos Dumont. Engano. Homenageia o pai de Alberto, o engenheiro Henrique Dumont, que em 1879 adquiriu a então Fazenda Arindiúva, para onde se mudou com a esposa e os sete filhos. Em dez anos, de muito trabalho, a fazenda se tornou um modelo e o engenheiro Henrique, o primeiro "Rei do Café".

Empreendedor, Henrique Dumont construiu dentro de sua fazenda uma estrada de ferro exclusiva, que ligava os cafezais entre si e conduzia a produção para a estação de embarque em Ribeirão Preto.

Em 1894 a fazenda foi vendida a um grupo inglês. Com o dinheiro o engenheiro mandou a família morar na França, e garantiu para o filho Alberto recursos para financiar suas experiências com balões e aeroplanos.

Na década de 40 a fazenda foi loteada e vendida aos colonos, predominantemente italianos, que trabalhavam na lavoura de café. Em 1953 foi criado o Distrito de Dumont, que em 1963 foi transformado em município.

A agricultura continua sendo o centro da economia desta pequena cidade de 7.000 habitantes. Cana-de-açúcar e amendoim são os carro-chefe da agricultura local. O amendoim, plantado em rotação com a cana, é a principal matéria-prima de duas indústrias de doces instaladas na cidade, e de um centro de separação de outra grande indústria da região. A paçoquinha e as bolachas de Dumont já cruzam fronteiras. Nestas indústrias, 100% da mão de obra é feminina, quase 300 mulheres. O algodão



Casa sede da Fazenda Dumont, hoje Museu Histórico e Prefeitura



Locomotiva Baldwin, usada na Fazenda Dumont para transporte de café

já teve seus tempos de glória na cidade. Não era cultivado localmente, mas duas algodozeiras de grande porte recebiam a produção de toda a região. As algodozeiras estão desativadas, mas não desmontadas, estão prontas para retomar o trabalho.

95% da mão de obra local trabalha para o agronegócio. O comércio é pequeno, mas até nele o agronegó-



cio é forte. A cidade não tem nenhuma revendedora de carros usados, por exemplo, mas bem na praça central, atrás da prefeitura, existe uma revenda de implementos e tratores usados. A lingüiça de Dumont é orgulho da cidade. Feita artesanalmente, atraí para os três açougues especializados centenas de compradores de toda a região. Não são açougues comuns, funcionam em pequenos sítios, muito próximos do centro, onde é possível presenciar parte da produção e sentir o cheiro da lingüiça sendo defumada.

Infelizmente a tranqüilidade não é a mesma de anos atrás. A violência já ronda os oito bairros de Dumont. São assaltantes de fora que atuam na cidade. Na educação 100% da demanda é atendida. Asfalto e água também estão à disposição de toda a população, e o tratamento de esgoto está em construção. As dificuldades com o pequeno orçamento, R\$ 6 milhões, atingem inclusive a manutenção da memória local. Na casa onde morou Santos Dumont, hoje funcionam a prefeitura e o museu histórico: uma situação que impede a conservação do patrimônio histórico.

Para 2006, ano do centenário do vôo do "14 Bis" em volta da Torre Eiffel, a cidade procura parceria para fazer uma comemoração à altura. Está com um projeto pronto: "Santos Dumont, Orgulho da Nação Brasileira", um projeto que inclui até a reativação da ferrovia do café, já que Santos Dumont, na sua adolescência, conduzia a locomotiva Baldwin, hoje exposta na praça central.



O "arraiá" do agronegócio



O mês de junho é marcado por devoção, fogueiras, danças, comidas típicas, bandeirinhas e foguetórios. São festas distintas em cada região do Brasil, e cada uma tem sua peculiaridade.

Em São Paulo o "caipira" veste camisa xadrez e calça remendada. Usa bigodinho, dentinho preto e está sempre acompanhado de sua "dama" de vestido de chita, trança e pintinhas no rosto, prontos para dançar a quadrilha.

Em todas as escolas do Brasil é assim que a meninada se veste para a festa junina, marco importante do folclore brasileiro, que revela, ao apagar da fogueira, um forte preconceito contra o campo, imputando ao camponês o estigma do Jeca Tatu. Afinal de contas, até há bem pouco tempo campo era sinônimo de atraso.

Mas os tempos estão mudando. O agronegócio chegou aos ouvidos da sociedade urbana que não enxerga mais o campo como antes. Um bom exemplo é a comemoração das festas juninas em uma escola de Ribeirão Preto. A diretora Mônica Ribeiro procurou a ABAG/RP pedindo sugestões de como abordar o assunto agronegócio nas festividades do mês de junho.

Como folclore é folclore e a realidade é bem diferente, foi sugerido que a escola mostrasse aos alunos a nova face da produção agrícola brasileira, onde o emprego da tecnologia, que não é privilégio da cidade, fosse mostrada nas aulas, em vídeo, e exposta para que os alunos vissem.

A TRACAN, revendedora CASE em Ribeirão Preto, aceitou o desafio. Expôs na escola um trator MX 240. A professora Renata Masi re-



Alunos fazem fila para ver de perto a tecnologia utilizada no campo



Durante a festa junina, o contraste entre os estereotipados caipirinhas e a modernidade do agronegócio

cebeu treinamento e informações sobre o agronegócio e o uso da tecnologia. O trator mudou a rotina da escola. Durante uma semana os alunos fizeram fila para a aula prática. As crianças de 1ª a 4ª série ficaram admiradas com o tamanho e a complexidade de um trator. Beatriz Costa, de 9 anos, comentou: "Acho que é preciso ter várias carteiras de mo-

torista para dirigir um destes. É preciso muita responsabilidade". Durante a festa junina da escola o trator foi o principal alvo das fotos. Um contraponto entre os caipirinhas de chapéu de palha e roupas remendadas e a tecnologia do agronegócio. São pequenas ações que podem mudar definitivamente o olhar da cidade sobre o campo.

Criando vantagens competitivas

Jogadores do time brasileiro de melhor desempenho econômico e social se reuniram em São Paulo, nos dias 24 e 25 de junho, para o 3º Congresso Brasileiro de Agribusiness. A estratégia: tentar antever a próxima jogada, uma vez que os adversários, ou parceiros, podem mudar num futuro próximo.

Uma realização da ABAG, o Congresso vem, a cada ano, se constituindo no fórum perfeito das discussões em torno do agronegócio, o mais competitivo setor da economia brasileira.

Especialistas de diversas áreas abordaram, neste terceiro ano do Congresso, o tema: "Criando Vantagens Competitivas", com a responsabilidade de apresentar posições, análises e tendências para cerca de 600 executivos e técnicos de diversos segmentos do setor.

O presidente da república em exercício, José Alencar Gomes da Silva, fez questão de participar da abertura do evento. Antes de ser político ele já era empresário do setor têxtil, uma importante cadeia produtiva do agronegócio nacional. O presidente começou seu pronunciamento prometendo não falar de juros e que, portanto, falaria sobre o "custo do capital". Segundo ele, a diferença do Brasil para os outros países é justamente esta: "Se o crescimento não deslança é porque a atividade produtiva tem que ser remunerada com vantagem sobre o custo do capital, o que não acontece aqui.". Defendeu o direito de propriedade e o estado de direito, e encerrou sua fala com um pensamento confluyente com a temática do Congresso: "As vantagens competitivas naturais e humanas do Brasil já possui, mas é preciso mais."

Este "mais" referido pelo presidente em exercício foi o centro do evento que, em quatro painéis, abordou: Competitividade; Sanidade e seus Impactos Globais; Agricultura Energética e Negociações Internacionais.

Competitividade

A competitividade foi discutida com base em três aspectos cruciais para o crescimento sustentável do agronegócio brasileiro: Infra-estrutura e Logística, Lei de Biosegurança e Política Fiscal e Tributária.

O painel Infra-estrutura e Logística foi apresentado pelo presidente da Associação



Carlo Lovatelli,
presidente da ABAG,
abre o 3º CBA
em São Paulo

ção Nacional dos Usuários de Transportes de Carga – ANUT, Osmar Silva Junior. O transporte representa um dos maiores desafios ao crescimento do agronegócio brasileiro. Segundo ele os modais de transporte no país permanecem praticamente os mesmos de 20 anos atrás. Um bom exemplo é o crescimento do transporte de carga. Em 2000 chegou a 44%, enquanto as rodovias asfaltadas cresceram 7%. O pior, não há investimentos relevantes na manutenção, ou na construção de novas rodovias. Os participantes receberam o estudo realizado pela Abag, Abiove, Abitrigio, Anda, Anec, Anut, Cecafé e Unica; onde foram levantados os principais gargalos do escoamento dos produtos e insumos do setor agrícola, e aponta medidas emergenciais para se evitar uma "crise de abundância".

A Lei de Biosegurança foi abordada sem meias palavras pela Dra. Elza Brito Cunha, advogada licenciada da Embrapa e que atualmente é assessora técnica da Câmara de Deputados. Segundo ela, o Projeto-de-Lei que aguarda votação no Senado é bizarro. Uma verdadeira colcha de retalhos e será preciso mais realismo. O texto que será votado é pobre e pode colocar mais uma vez o Brasil em desvantagem competitiva em relação a outros países, afirmou Elza Cunha.

O diretor da Escola de Economia da Fundação Getúlio Vargas, Yoshiaki Nakano, comparando a base tributária nacional com as de outros países competitivos, mostrou que o Brasil está em grande desvantagem. Na Coreia a carga tributária é de 19%, enquanto a renda per capita é quatro vezes maior do que a bra-

sileira; no México a carga é de 16% e a renda per capita, o dobro.

A consequência não é mistério: enquanto sobe o valor da tributação, o trabalho é comprimido e a economia não cresce, já que os fatores dinâmicos da economia são o fluxo de salário e o lu-

Sanidade e seus Impactos Globais

O ex-ministro da agricultura, Alyson Paulinelli, agora no setor privado, falou sobre normas e certificação. Com experiência nas áreas pública e privada, deixou seu recado: "A rastreabilidade na gestão das cadeias do agronegócio deve ser a confluência da ação conjunta entre governo e setor privado. O Brasil deve conhecer muito bem as regras dos outros países e os anseios dos consumidores. Só assim a demanda crescerá". A tendência global é esta, e os desafios do Brasil, imensos.

Esses desafios foram detalhados pelo diretor da Esalq, José Roberto Postali Parra e pelo consultor André Pessoa. As barreiras sanitárias, já conhecidas, se somam a barreiras técnicas, ambientais e sociais, o que faz com que, por exemplo, 58% do mercado mundial de carne bovina esteja fechado para o Brasil. Apesar do recorde das exportações a ameaça é grande.

A exigência dos países desenvolvidos inclui o bem estar do animal, o meio ambiente, a responsabilidade social e a harmonização sanitária do Mercosul. No encerramento do painel uma proposta de parceria: a criação de uma Agência de Segurança Sanitária, uma espécie de fundação, patrocinada pelo setor privado com colaboração do governo.

Agricultura Energética

Os Mecanismos de Desenvolvimento Limpo (MDL) e a sustentabilidade da produção foram os temas abordados pelo diretor da PriceWaterhouseCoopers, Mar-

co Antônio Fujihara. O Brasil, criador destes mecanismos, em 1998, está desarticulado e praticamente à parte deste mercado que não pára de crescer. De janeiro a maio de 2004 o volume mundial de transações de CO₂ foi de 64 milhões de toneladas, o que indica que o valor deverá duplicar em relação a 2003.

Os maiores compradores são Japão (41%) e Holanda (26%). Os grandes vendedores: Índia, devido à agricultura energética, e China, devido ao carvão mineral. O pior é que o Brasil não tem projetos de longo prazo, ao contrário dos concorrentes. O Chile tem 12 projetos, o México, 7; a China, 103; e a Índia, 320.

Luis Carlos Corrêa Carvalho, diretor da ABAG, falou sobre como o álcool combustível teve sua credibilidade recuperada após a entrada no mercado dos carros bicombustíveis. Em 2003 estes carros representavam 6,3% do mercado. Em junho de 2004, 25%. Um salto que elevou o consumo de álcool combustível de 840 milhões para 1 bilhão e 200 milhões de l/mês. É o consumidor definindo o combustível que vai usar. Consumidor que é levado basicamente pelo preço do álcool hidratado. Em São Paulo o álcool combustível custa na bomba cerca de 45% do preço da gasolina. Em Brasília, 66,5%, e, no Rio de Janeiro, 56%.

Já o mercado externo é impulsionado pela questão ambiental e o Brasil pode ter um papel relevante neste cenário. Segundo Carvalho, o desejável é que estes países também produzam etanol. O Brasil apenas complementar a demanda. A onda de tecnologia da energia renovável começou com a mistura do etanol à gasolina. Passou pelo carro movido a álcool combustível, está na fase dos flexíveis e caminha para o hidrogênio, que terá que ser produzido a partir de uma fonte renovável, já que o potencial de extração de petróleo está em curva descendente, encerrou Carvalho.

O biodiesel é outra grande alternativa que agrada dois lados: o social e o estratégico. As vantagens, segundo José Zílio, diretor da Bunge Alimentos, são: a) social – geração de empregos; b) macroeconômica – o país deixará de importar diesel; c) estratégica – diminuição da dependência do petróleo; d) ambiental – não contribui para o efeito estufa e; e) saúde pública – o aditivo misturado ao



diesel deixa de ser chumbo e MTBE. Mas são necessárias políticas e estratégias de longo prazo para o biodiesel, como já existem na Europa.

Política Comercial e Negociações Internacionais

Marcos Jank, presidente do Instituto de Estudos do Comércio e Negociações Internacionais, comemorou o primeiro ano do ICONE no Congresso da ABAG. O Instituto, financiado pela iniciativa privada: Unica, Abiove, OCB, Fiesp/Ciesp, Abiec, Abipecc, Abece, Abef e Abag, vem colaborando com os negociadores brasileiros nas rodadas internacionais, elaborando estudos e relatórios técnicos.

O Brasil tem hoje o maior saldo comercial agrícola do mundo. As taxas de crescimento das exportações do agronegócio são impressionantes: milho (53%); carne suína (27,2%) e açúcar (17,7%). Mas o país precisa focar mais nas negociações. Segundo Jank, o Brasil corre um sério risco de voltar ao passado. Para Gílman Viana Rodrigues, presidente do Fórum Permanente de Negociações Agrícolas Internacionais, a interlocução do setor privado com o governo é grande, mas muitas vezes o setor não é ouvido. Um exemplo aconteceu durante as negociações da ALCA, quando o setor privado trabalhou durante 3 meses em um levantamento tarifário de quase 9 mil produtos e o Governo nem o leu, acatando a proposta argentina. E concluiu dizendo que "O Brasil precisa ser mais pragmático para saber onde pode ceder, pois só conseguirá algum avanço se conceder melhorias em outros setores."

Convidados Especiais

O primeiro dia de Congresso foi encerrado com uma palestra de José Roberto Mendonça de Barros: "Players do Futuro no Agronegócio". A mudança na demanda nos próximos 50 anos ocorrerá em virtude da diminuição e do envelhecimento da população em muitos países da Europa e no Japão. Estas mudanças foram observadas sob três aspectos: com a manutenção do status atual, com a quebra das tendências e o surgimento de novos produtos; e com novos paradigmas de produção. Em qualquer caso a forma de operação do mercado deverá mudar, e os parceiros serão a "chave" do negócio.

O Ministro da Agricultura Pecuária e Abastecimento, Roberto Rodrigues, começou sua palestra salientando: "Em mercado não existe anjo, não existe santo.". Três fatores, segundo ele, são restritivos: a ausência de recursos financeiros, a falta de logística e infra-estrutura; e a falta de mercado. A crise da abundância é uma ameaça e é importante debruçar-se sobre o assunto e buscar soluções. Segundo Rodrigues, tudo o que o MAPA está fazendo hoje foi discutido no 1º Congresso da ABAG, que debateu cenários para o agribusiness até 2010, com implementação de ações conjuntas entre Governo e iniciativa privada. O ministro concluiu dizendo que o recém lançado Plano de Safra é resultado dessas discussões. Mas lembrou: o Governo se guia pelo que pensa a opinião pública e o setor privado não pode se esquecer disso.